AMAZÔNIA COMO LUGAR DE CULTURAS: CONCEITOS, CONTEXTOS E CONDIÇÕES IDENTITÁRIAS E MEMORIAIS

AMAZON AS A PLACE OF CULTURES: CONCEPTS, CONTEXTS AND IDENTITY CONDITIONS AND MEMORIES

SILVA, Elian Karine Serrão da[1]
PAULINO, Itamar Rodrigues[2]

Resumo: O presente texto resulta de investigações sobre concepções de cultura e suas relações com identidade e memória. Pensadores de diversas áreas e épocas buscaram apresentar teorias para explicar o mundo numa perspectiva de avanço do processo civilizatório, por meio de uma formação humana, comumente chamada de cultura. Cultura é um termo que desde o período primitivo vem sendo desenvolvido por conta de sua abrangência e complexidade, haja vista, as inúmeras transformações que acompanham a evolução do sujeito no seu espaço social, tecnológico, entre outros, ao longo dos tempos. O artigo tem a finalidade de provocar um pensar as culturas na Amazônia a partir da antropologia das diferenças cujo mote é apresentar as manifestações culturais numa perspectiva do diferente, e com uma grande riqueza interna a cada uma a ser compartilhada. O artigo é desenvolvido sob a tese de que Cultura parte de uma concepção ampla, dinâmica, abrangente, pluralizada, que implica diversidade de manifestações, condutas e comportamentos. Por essa razão, é inapropriado e insipiente tratar cultura como algo uniforme, retilíneo e singular. A Amazônia é um exemplo apropriado dessa percepção.
Palavras-Chave: Amazônia.Cultura. Identidade. Memória.

Abstract: The present text results from investigations about conceptions of culture and its relation with identity and memory. Thinkers from different areas and epochs have sought to present theories to explain the World in a perspective of advancing the civilizing process, through a human formation, commonly called culture. Culture is a term that since the primitive period has been developed due to its comprehensiveness and complexity, given the numerous transformations that accompany the evolution of the subject in his social, technological space, among others, throughout the ages. The article aims to provoke a thinking of the cultures in Amazonian Region from the anthropology of differences whose motto is to present the cultural manifestations in a perspective of the different, and with a great internal richness to be shared with other cultures. The article is developed under the thesis that Culture starts from a broad, dynamic, comprehensive, pluralized conception that implies diversity of manifestations, behaviours and attitudes. For this reason, it is inappropriate and insipid to treat culture as something uniform, rectilinear and singular. The Amazon region is an appropriate example of this perception.
Keywords: Amazon. Culture. Identity. Memory.

INTRODUÇÃO

[1] Mestre em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida pela Universidade Federal do Oeste do Pará, é pesquisadora do Programa de Pesquisa e Extensão Cultura, Identidade e Memória na Amazônia, do Centro de Formação Interdisciplinar, da Ufopa. E-mail: karinessilva@outlook.com
[2] Doutor em Teoria Literária pela UnB, é professor e pesquisador na Universidade Federal do Oeste do Pará, coordenador do Programa de Pesquisa e Extensão Cultura, Identidade e Memória na Amazônia, da Ufopa; e do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida (PPGSAQ), da Ufopa. E-mail: itasophos@gmail.com

Nos séculos XVIII e XIX, período em que fervilhavam as discussões sobre a evolução da humanidade, pensadores de diferentes áreas visavam apresentar algum modelo de sociedade condizente com a evolução da humanidade de modo a permitir que os indivíduos alcançassem o estágio máximo civilizatório. Entre os pensadores que se utilizaram de argumentações próprias para este fim, destacam-se Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), Immanuel Kant (1724-1804), Auguste Comte (1789-1857), Charles Darwin (1809-1882), Karl Marx (1818-1883), Friedrich Nietzsche (1844-1900), Sigmund Freud (1856-1939), Jean-Paul Sartre (1905-1980), entre outros.

Para entender as vertentes destes pensadores, Paulino (2017) aponta que Rousseau fez crítica às instituições educativas afirmando que elas corrompiam o ser humano e lhe tiravam a liberdade, sendo necessário educar a criança de acordo com a natureza; Kant defendeu o conceito do imperativo categórico como normatização moral ou o dever universal como condição de vida; Comte afirmou as leis positivistas como explicações das leis que regem o mundo social; Darwin demonstrou na teoria evolucionista que a sobrevivência das espécies estaria fundamentada na seleção natural; Marx contribuiu com críticas ao papel e ao poder do Mercado no progresso da humanidade; Nietzsche defendeu a transmutação dos valores para recuperar a unidade ética perdida pela humanidade; Freud discutiu o equilíbrio de pulsões e instintos humanos como condição para a sociedade avançar no processo civilizatório; e Sartre argumentou que a única condição para um indivíduo estar livre seria estando preso à liberdade.

Essas considerações nos fazem perceber como os pensadores de diversas áreas e épocas buscaram apresentar suas teorias para explicar o mundo numa perspectiva de avanço do processo civilizatório, por meio de uma formação humana, comumente chamada de cultura. Cultura é um termo que desde o período primitivo até os dias atuais vem sendo desenvolvido por conta de sua abrangência e complexidade, haja vista, as inúmeras transformações que acompanham a evolução do sujeito.

O conceito de Cultura resulta da junção dos termos alemão *Kultur* – relacionado a aspectos espirituais –, e francês *Civilization* – que envolve realizações materiais –, e fora desenvolvido por Edward Burnett Tylor (1832-1917), no ano de 1871, em seu livro *Primitive Culture: Researches into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Art, and Custom*. Tylor definiu *Culture* como um todo complexo que inclui conhecimentos, crenças,

arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelos indivíduos como membros de uma sociedade. Afirma ele:

> Cultura ou civilização, tomada em seu amplo sentido etnográfico, é esse todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, direito, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade. A condição de cultura entre as várias sociedades da humanidade, na medida em que é capaz de ser investigada em princípios gerais, é uma matéria apta para o estudo das leis do pensamento e da ação humana. Por outro lado, a uniformidade que impregna tão amplamente a civilização pode ser atribuída, em grande medida, à ação uniforme de causas uniformes; enquanto, por outro lado, suas várias gradações podem ser consideradas como estágios de desenvolvimento ou evolução, cada um dos resultados da história anterior, prestes a fazer sua parte adequada na formação da história do futuro (TYLOR, 1871, p. 01).[3]

Tylor acreditava que as sociedades se desenvolviam singularmente, mas que a evolução cultural deveria percorrer uma espécie de processo civilizatório universal, que se iniciaria com o estágio de selvageria, passando pela barbárie, para finalmente alcançar o estágio civilizatório, nos moldes do que alcançaram as diversas culturas europeias. Somente a partir deste, podia-se considerar um indivíduo apropriado de Cultura. Embora a finalidade dessa conceituação tenha sido a de alcançar a concepção de um modelo universal de formação das sociedades humanas, o próprio conceito tylorista esbarrava no embate entre natureza humana e condição humana. Para melhor compreender a questão, Zygmunt Bauman (1925-2017) expõe esse período da modernidade e suas condições culturais, considerando que:

> Se deixarmos as coisas à sua sorte e nos abstivermos de interferir no que as pessoas fazem quando se deixa que ajam como entenderem, ocorrerão coisas demasiadamente horripilantes de se contemplar; mas, se abordarmos as coisas com a razão e submetermos as pessoas ao tipo correto de processo, temos todas as possibilidades de construir um mundo excelente, nunca antes conhecido por seres humanos (BAUMAN, 1998, p. 161).

Para explicar o conceito de Tylor, Bauman afirma a necessidade da interferência por meio da *razão* na vida social das pessoas, pois do contrário as consequências seriam desastrosas. Este pensador entende que na perspectiva conceitual de Tylor, seria preciso uma interferência racional das sociedades em seu processo civilizatório para fins de uniformização e padronização cultural. Para acrescentar aodebate sobre o conceito de Cultura do século XIX, Freud, na obra *O mal-estar da Cultura*, argumenta que,

[3] Tradução livre.

> Como se sabe, a cultura humana – me refiro a tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de suas condições animais e se distingue da vida dos bichos; e eu me recuso a separar cultura *(Kultur)* e civilização *(Civilization)* - mostra dois lados ao observador. Ela abrange, por um lado, todo o saber e toda a capacidade adquiridos pelo homem com o fim de dominar as forças da natureza e obter seus bens para satisfação das necessidades humanas e, por outro, todas as instituições necessárias para regular as relações dos homens entre si, em especial, a divisão dos bens acessíveis (FREUD, 2010, p. 23).

Perceber que a concepção de Cultura no século XIX era intrinsicamente ligada à visão europeia, pois tinha como resultado final e característica específica à uniformização da humanidade por meio da padronização das diversas culturas na lógica da civilização europeia. Ressaltamos que os diversos grupos humanos eram considerados "culturados" somente se houvessem em suas manifestações algo que pudesse ser incorporado pelas culturas europeias como benefício ao processo civilizatório, bem como se enquadrasse aos conceitos adotados na época de *Kultur* [aspectos espirituais] e *Civilization* [realizações materiais] de um povo. Por certo que essa concepção incomodou vários pensadores desconfortados com o espírito eurocêntrico justificador desse conceito. Esse desconforto será manifestado de diversas formas ao longo do século XX.

1. O debate sobre o conceito de Cultura no Século XX e suas implicações

A concepção de cultural apregoada no século XIX ganhou repercussão no século XX por meio de posicionamentos contrários de pensadores desta época sobre o conceito de Cultura do século XIX, tais como, Franz Boas (1858-1942), Alfred Kroeber (1876-1960), Bronisław Malinowski (1884-1942), Gilberto Freyre (1900-1987), Claude Lévi-Strauss (1908-2009), Clifford Geertz (1926-2006), Alfredo Bosi (1936-), entre outros. Estes autores posicionaram-se a partir de uma perspectiva mais ampla e dinâmica, pois compreenderam que fenômenos culturais estavam mais relacionados a fatores sociais do que naturais. Boas, por exemplo, em seu artigo *Race and Progress* (1932), defendia o relativismo cultural, pois acreditava na autonomia da cultura e em sua singularidade, dando valor aos costumes que ele considerava serem manifestações da cultura. Ele destacou a necessidade de estudar cada cultura de acordo com sua especificidade dando ênfase mais às diferenças do que às similaridades. Autor de um importante conceito que surgiu em torno das discussões sobre cultura, é ele quem pluraliza o termo Cultura, e enfatiza diferenças, singularidades, e particularidades históricas, em que cada uma se constrói, se molda, se modifica ao longo do

tempo, num processo dinâmico. Neste sentido, há uma sobreposição da cultura a fatores físicos. Ele próprio recomenda que,

> Nos poucos casos em que se tem investigado a influência da cultura sobre as reações mentais de populações, pode-se observar que a cultura é um determinante muito mais importante do que a constituição física. [...] Nessas circunstâncias, precisamos basear a investigação da vida mental do homem sobre um estudo da história das formas culturais e das inter-relações entre vida mental individual e cultura (BOAS, 2010, p. 97).

Na mesma lógica, Alfred Kroeber, delineou que sociedade e cultura são dois componentes distintos que moldam os indivíduos e são responsáveis pela formulação da consciência psicológica ou da personalidade, ressaltando a indissociabilidade entre sociedade, cultura e psicologia, elementos que para o autor são componentes dos níveis de sua análise social. Em outros termos, para Kroeber (1952), sociedade, cultura e indivíduo são como "peças" da máquina social que devem ser desmontadas, interpretadas e depois remontadas pela análise de seu funcionamento, sem ignorar elementos do quadro natural, pois estes exercem influência sobre alguns aspectos, mas não determinam o comportamento e a evolução da cultura.

Essas postulações implicam afirmar que a cultura é essencialmente um instrumento que permite ao ser humano criar estruturas para satisfazer suas necessidades, mas que ultrapassa os limites de uma simples adaptação à lógica do meio ambiente. Essa ação irá sempre exigir do ser humano o senso coletivo, o que implica afirmar que a cultura transforma indivíduos em grupos organizados. Não é por acaso que Malinowski (2009), considerará que os seres humanos seguem regras, normas, costumes e tradições que por sua vez são produto da interação entre processos orgânicos e processos de interação com o seu ambiente.

A cultura promove intensas modificações nas disposições inatas do ser humano, obrigando-o ao convívio livre com o outro e ao mesmo tempo exigindo a entrega de parte de suas liberdades pessoais ao bem estar comum. Por isso, embora a origem da cultura esteja na busca da satisfação de necessidades biológicas, sua verdadeira natureza exigirá das pessoas algo que o faça diferente de mero organismo animal. Deste modo, o conceito de Cultura defendido por Malinowski, é explicitado como o:

> [...] Conjunto integral dos instrumentos e bens de consumo, nos códigos constitucionais dos vários grupos da sociedade, nas ideias e artes, nas crenças e costumes humanos. Quer consideremos uma cultura muito simples ou primitiva, quer uma cultura extremamente complexa e desenvolvida,

> confrontamo-nos com um vasto dispositivo, em parte material e em parte espiritual, que possibilita ao homem fazer face aos problemas concretos e específicos que se lhe deparam (2009, p. 45).

Esse antropólogo destaca que a cultura se compõe de aspectos materiais e espirituais, e isso ocorre tanto em culturas simples como em complexas, aspectos esses que são naturais e não necessariamente adquiridos, mas que produzem benefícios à sociedade que a permite atingir um nível cada vez mais elevado.

Outro pensador que enriqueceu as discussões sobre cultura é Lévi-Strauss. Por solicitação da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) em 1952, para que escrevesse algo como *Contribuição das Raças para a Civilização Mundial*, Lévi-Strauss apresentou um texto que marca reflexões sobre cultura a partir e depois da Segunda Guerra Mundial. Em seu texto *Race et Histoire* publicado ainda em 1952, ele nega o evolucionismo cultural cujas bases de aperfeiçoamento conceitual feitas por Jacques Turgot no século XVIII e Edward Burnett Tylor, no século XIX, haviam sobrevivido no século XX por meio da tese de que a humanidade era regida por evolução cultural a partir de bandos primitivos caçadores-coletores, passando pela evolução no domínio das culturas agrícolas, chegando aos impérios da antiguidade, e finalizando seu refinamento na civilização europeia.

Neste sentido, Lévi-Strauss apresenta no texto uma crítica severa à ideia de que as culturas passam por estágios de padronização e homogeneização dos modelos culturais, principalmente com o refinamento do comportamento humano a partir das concepções europeias de cultura. Para Lévi-Strauss, a história cumulativa do homem é mais produto da sua *conduta* do que da sua natureza e para haver progresso é necessário que as culturas se intercruzem, isto é, entrem em contato umas com as outras para que suas trocas favoreçam o desenvolvimento como assim o diz *"todo progresso cultural é função de uma coligação entre as culturas"* (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 22). Ele ressalta ainda que não há culturas isoladas. Entende-se, pois, a necessidade de uma cultura conhecer, contatar e interagir com as demais em vista de compreensões que contribuam para o desenvolvimento mútuo.

Na segunda metade do século XX, seguindo Lévi-Strauss, Clifford Geertz também teceu discussões sobre cultura enfatizando que esta está mais relacionada ao fenômeno social do que a fenômenos físicos ou naturais. Ao delimitar o conceito de cultura, para permitir a manutenção de sua importância ante a definição produzida por Tylor, cuja teoria embora criadora seja também contributiva de confusão mais do que de esclarecimento, Geertz propõe

um conceito inovador de cultura que incorpora um teor mais subjetivo. Ele afirma que: *"o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumindo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, como uma ciência interpretativa, à procura de significados"* (1989, p. 4).

Esses diversos tipos de compreensão da cultura também bateram em portas brasileiras. Gilberto Freyre marcou a discussão sobre o tema da cultura. Ele reúne em seu conceito todos os aspectos que compõem o cenário brasileiro dando-lhes caráter de unidade, mas sem homogeneizar a diversidade. Propõe a interpretação da miscigenação brasileira como o nascimento de um novo ser, que reúne múltiplos aspectos raciais e culturais. Com a obra *Casa Grande e Senzala,* escrita e publicada pela primeira vez em 1930, Freyre discute questões preconizadoras de termos como *multiculturalismo* e *interculturalidade*. Na obra, as concepções raciais e o determinismo climático, defendidos por Euclides da Cunha e Silvio Romero, são rechaçadas, visto que para Freyre não se pode responsabilizar o clima tropical insalubre e as populações mestiças, tidas como neurastênicas e degeneradas, pelo atraso no País. Ao contrário, a origem desse atraso estaria sendo causado por fatores sociais de alimentação e higiene.

Na mesma dimensão, Alfredo Bosi, na obra *Dialética da Colonização* (1992), defende a cultura como um conjunto de práticas, técnicas, símbolos e valores transmitidos às gerações para garantir um estado de coexistência social. Nota-se ênfase na contribuição dos aspectos sociais e suas influências no manifestar das culturas.

A partir desse debate de concepções, nota-se a grande mudança na percepção do conceito de Cultura no século XX em relação aos séculos anteriores, cuja característica primordial agora está focada na liberdade de condutas do ator social, ao invés de regras, normas e leis a serem seguidas. Isto é, o conceito de cultura toma novo corpo, pois o processo civilizatório não passa mais a seguir um modelo de conduta e comportamentos universais e sim um manifestar-se de acordo com a autonomia do ator social em seus processos coletivos e individuais. A cultura assim implica uma compreensão multidimensional, pois numa visão parcial e unidimensional não se consideram as inúmeras dimensões que compõem um todo da cultura, isto é, dimensões econômica, social, biológica, psicológica, entre outras. Dito isto, nota-se que cultura é um conceito abrangente, que possui diferentes significados por se relacionar com diversas dimensões da vida. Por isso, o conceito de Cultura está em contínuo processo de construção, pois a imensa diversidade cultural das sociedades existentes

continuamente recebem influências, as diversas possíveis, e produzem seus efeitos também culturais; por isso também é fundamental considerar culturas como expressões de identidades e memórias.

2. Identidades e Memórias como fatores configuradores das Culturas

Em princípio, é fundamental considerarmos culturas como expressões de identidades e memórias. No caso brasileiro, as culturas são enriquecidas por meio da grande miscigenação resultante de situações históricas pouco harmoniosas. As identidades culturais, conjuntos de características particulares, são formas de se promover o senso de pertencimento de pessoas a grupos populacionais, comunidades, entre outros, e servem para diluir separações, tensões sociais e diferenças entre tais grupos (OLIVEIRA, 2004). Conforme Paulino (2017), a formação de uma identidade cultural é algo que depende de diversos fatores, e seu reconhecimento é tanto mais plausível quanto mais forem realizadas práticas singulares de cultura daí resultantes. Embora seja fundamental a identidade de um grupo cultural para sua existência porque revela a qualidade do idêntico entre entes participantes, não se pode negar que processos identitários são relativos devido ao caráter dinâmico na formação cultural de um povo.

Em nossa sociedade, sujeita e caracterizada por uma série de transformações sociais, políticas, econômicas, entre outros, Bauman (2011) enfatiza a globalização como provocador de mudanças, principalmente quando a cultura emerge de seu seio. Conforme o autor, as culturas influenciadas pela dinâmica da globalização tendem a se correlacionar, embora o interesse globalizador e o foco dessa correlação seja o econômico. As culturas participam desse jogo sobre o qual o mais interessante é manter-se à procura das novidades lançadas pelo mercado, fugindo, de qualquer maneira, da obsolescência. A globalização tem de fato provocado efeitos bastante fortes sobre as culturas, principalmente aquelas desprotegidas de escopo estatal e das organizações grupais, exigindo delas constantes transformações, reconfigurações e adaptações. Desse modo, traços culturais de uma determinada cultura podem ser facilmente identificados em outras, e não se pode determinar a quem tais traços pertencem (Hall, 2003). Talvez por isso Hall insista na ideia de que estejamos vivendo uma época de hibridismo cultural.

De fato, vive-se em um hibridismo cultural, no qual se percebe uma dinâmica que pode provocar inúmeros significados no meio social de cada indivíduo, e como a identidade

está presente nessas significações. Bhabha (1998) defende que as diferentes culturas são determinantes das identidades destes indivíduos, o que significa afirmar haver um círculo de relação mútua; e as identidades são determinadas pelas condições memoriais individuais e grupais.

Sobre o conceito de identidade, diversos autores apresentam concepções que vinculam identidade e cultura, e assumem essa relação como a forma pela qual os indivíduos se percebem na sociedade em que vivem e como percebem os outros em relação a eles próprios. Sarup (1996) afirma que as identidades sociais são construídas no e através do discurso, isto é, identidades sociais não são fixas e inerentes às pessoas, elas são construídas no discurso durante os processos de construção de significados. Neste sentido, as identidades sociais são oriundas de diferentes práticas sociais das quais os indivíduos fazem parte. Segundo Louro (1997), os indivíduos são sujeitos apropriados de identidades plurais, múltiplas, mutáveis, que não são fixas, nem permanentes, mas podem ser contraditórias; e esse caráter de pertencimento a determinado grupo é o que define o sujeito,

> Essas múltiplas e distintas identidades constituem o sujeito, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência (LOURO, 2000, p. 12).

Tal afirmação pode ser complementada no sentido de que um mesmo indivíduo pode possuir múltiplas identidades. Ele expõe que:

> De fato, os sujeitos são, ao mesmo tempo, homens ou mulheres, de determinada etnia, classe, sexualidade, nacionalidade; são participantes ou não de uma determinada confissão religiosa ou de um partido político... Essas múltiplas identidades não podem, no entanto, ser percebidas como se fossem "camadas" que se sobrepõem uma as outras, como se o sujeito fosse se fazendo "somando-se" ou agregando-as. Em vez disso, é preciso notar que elas se interferem mutuamente, se articulam; podem ser contraditórias; provocam, enfim, diferentes "posições". Essas distintas posições podem se mostrar conflitantes até mesmo para os próprios sujeitos, fazendo-os oscilar, deslizar entre elas - perceber-se de distintos modos (LOURO, 1997, p. 51).

Essa proposição mostra que as múltiplas identidades não devem ser vistas como somente uma soma ou sobreposição, pois se deve entendê-las como identidades que se relacionam mutuamente, podendo até mesmo causar ao indivíduo certo conflito no momento em que ele precisa optar por alguma delas, o que demonstra existir toda uma dinâmica entre

identidades, bem como, entre indivíduo e suas escolhas. Cuche (1999) também se posiciona diante do conceito de identidade social, pois para ele, ela é um todo no qual a identidade cultural está inserida. Por isso ele é taxativo,

> A identidade social é resultante das diversas interações entre o indivíduo e seu ambiente social, próximo ou distante. A identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social: vinculação a uma classe sexual, a uma classe de idade, a uma classe social, a uma nação, etc. A identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente (1999, p. 177).

Essa posição nos faz defender que as variações identitárias ocorrem a partir do momento que a identidade social é protagonista da distinção de um grupo cultural dos demais e não mais somente do indivíduo de forma particularizada. Segundo Cuche (1999), a identidade cultural é componente da identidade social, cuja categorização se fundamenta na diferença cultural. Logo, as identidades culturais assimiladas pelos indivíduos são parte de suas identidades sociais.

Para complementar o conceito, Coriolano e Martins (2007) abordam que é por meio da identidade cultural que se distingue a origem comum, o interesse em adaptar-se às práticas de um grupo e a construção da pessoa por meio da articulação de seus aspectos de vida com o modelo cultural do grupo. Em síntese, é por meio do interesse, afinidades e harmonia que os indivíduos se apropriam do grupo e sentem conforto e o desejo em incorporá-lo. Coriolano e Martins (2007) também defendem que as identidades são produzidas pelos indivíduos que internalizam valores e contribuições socioculturais do lugar ao qual pertencem, de tal modo que eles passam a tornar suas estruturas pessoais um abrigo de cultura, o que conduz a formação da unidade, promovendo laços entre o ser individual e os lugares de pertencimento.

Quanto à memória, Ecléa Bosi apresenta dois modos de manifestação da memória, uma vinculada a hábitos e mecanismos motores, e outra voltada para lembranças independentes de hábitos, que parecem servir para recordar o passado. Talvez por isso ele tenha afirmado que *"*a lembrança é a sobrevivência do passado*"* (Ecléa BOSI, 1979, p. 15). Por meio dela, o passado pode ser recontado e, assim, perpetuado. Bosi ainda afirma que *"a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo 'atual' das representações"* (Ecléa BOSI, *idem*. p.09). Por isso, consideramos que é por meio da memória que há mergulho no passado e resgate dos acontecimentos e, uma vez ocorrido esse evento é possível refletir, analisar, comparar, enfim, reviver o que foi vivido e

aprendido, ou seja, manifestar no presente a experiência do passado. As emoções e sensações também fazem parte deste universo, seja na lembrança dos sentimentos que envolveram os acontecimentos passados, seja na recordação saudosa de estar revivendo o passado no tempo presente, visto que a memória é um trabalho sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo, cujas lembranças, condicionamentos e aprendizados culturais foram transmitidos por pessoas de gerações anteriores (Ecléa BOSI, 1979).

As memórias nos ajudam no processo de aquisição de identidade grupal porque traz para o presente o que o passado registrou como fundamental. Por isso, Chauí afirma que a *"memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total"* (2000, p. 125). Se isso é fato, então a memória é essencial na constituição da identidade de um povo. Em princípio, povo sem memória é povo sem identidade. Daí a razão de se registrar eventos culturais resultantes de manifestações memoriais. Bosi também argumenta nesse sentido, pois para ela a memória recebe influências do meio no qual o indivíduo está inserido, isto é, das relações de família, de sua classe social, da escola, da Igreja, do ambiente de trabalho; enfim, dos grupos do qual ele faz parte. Ela ressalta que, "*a menor alteração do ambiente atinge a qualidade íntima da memória*" (Ecléa BOSI, 1979, p.17).

Podemos assim afirmar que é a partir dessas relações que o indivíduo produzirá seu conjunto de conhecimentos, aprendizados, práticas, saberes e agires que serão perpassados para outras gerações e que ao longo de uma linha temporal se torna tradição, se torna cultura, se torna também memória, e constitui aspectos fundantes e fundamentais da identidade que define um grupo ou comunidade. Nesse encaminhamento de tornar-se tradição, não serão contadas apenas as memórias de um sujeito e sim de um determinado grupo, comunidade, cidade, região, país, e em uma dimensão universal, de toda a humanidade. É assim que se produz o conhecimento e o reconhecimento das dinâmicas históricas da humanidade. Leal (2011), ao defender essa concepção de memória, declara que ela é o fio condutor que transporta a cultura ao longo dos tempos. É ela que nos possibilita a consciência de estarmos vivendo o presente e de já termos vivido um passado. É por meio dela que nos alinhamos no tempo para prosseguirmos nossos encadeamentos e aprendizados compartilhados.

Ainda com referência à memória, Nora (1993) considera que ela se pendura em lugares, assim como a história em acontecimentos. Os lugares de memória ganham significado à medida que seus agentes o reconhecem como tal a partir de um evento,

acontecimento que marca, eterniza e posteriormente sacraliza o passado. A autora dá ênfase ao termo *lugares da memória,* o qual demanda registro de onde ela ocorre. Tal necessidade urge pela aceleração dos acontecimentos históricos ao longo do tempo e demanda seu registro, além de contribuir com a identidade do grupo cultural, pois Nora defende que, ao definir os lugares da memória, o grupo define sua identidade.

3. Amazônia como Lugar de Visitação ao Passado para recompor o Presente

Identidades e memórias são dimensões que no âmbito do Brasil e, em específico, no espaço da Amazônia, exige contextualizações históricas, visto que a coesão social nacional foi ao longo dos séculos de colonização e do período republicano, feita à base de tecelagem de culturas diferentes e diversas na crença de que suas arestas seriam aparadas com o passar do tempo por força da imposição de uma aparente homogeneidade dos traços culturais, e que um dia a identidade nacional seria padronizada e universalmente reconhecida. Embora a identidade brasileira, e também amazônida, seja de fato uma estreita mescla entre o africano, o europeu e o aborígene, uma evidente multiplicidade de suas raízes, há que se esclarecer que no interior de cada uma dessas três raízes, a diversidade cultural é demasiado grande. Por isso, é no encontro repleto de conflito dessas culturas que as identidades nacionais tomam forma e não no encontro harmonioso.

Daí se afirmar que o Brasil não possui uma única formação identitária, mas várias identidades mescladas, formando outras tantas estruturas culturais. Assim sendo, as manifestações díspares, diferentes e às vezes divergentes em diversos aspectos como no religioso, na visão coletiva de mundo, nos jeitos e trejeitos de se 'levar a vida', na linguagem e nos usos simbólicos, nos jeitos de lidar com o meio ambiente, são aspectos identitários dos diversos grupos populacionais brasileiros que ganham significado à medida que seus agentes vivenciam, subvertem e transformam suas experiências cotidianas, atualizando as fronteiras entre as múltiplas identidades.

Esse fator é ainda mais complexo quando transportamos para o universo da Amazônia brasileira, com seu povo e suas manifestações culturais adaptadas à diversidade florestal com seus diferentes ecossistemas, que desafia suas populações e exige delas perspicácia, inovações técnicas e tecnológicas, para lidar com tanta diversidade. Terra firme, várzea, planaltos e montanhas, serras e planícies, acidentes geológicos, paisagens de campos gerais, florestas densas e de savana, veredas, manguezais e igapós, espécies vegetais de

variadas formas, ciclos de enchente e vazante de rios, águas correntes de cores turvas e límpidas, complexos hídricos, igarapés e cachoeiras, animais de diversas espécies povoando céus, terras e rios, formam o patrimônio amazônida natural que garante um cenário singular que desafia os diversos povos e os obriga a severas adaptações para viver e manutenção da vida econômica. Essas adaptações são feitas de histórias e memórias, fazendo da Amazônia um lugar de visitação ao passado para recompor o presente, e as formas de relacionamento cultural coletivo com a floresta e os rios.

A relação das populações locais com o meio ambiente é uma característica marcante porque é a partir dela que ocorrem as produções e vivências culturais. Essas manifestações encontradas na Amazônia demonstram que não há um jeito único de seus grupos culturais de perceber a si mesmos e ao mundo, ao contrário, são tesouros patrimoniais e apresentá-las a partir do olhar de quem nasce e experiencia a vida nesta região é também apresentar visões do mundo diversa das apreendidas a partir de fora delas. Isto afirma o caráter heterogêneo das expressões de cultura, ou seja, a Amazônia não é um espaço culturalmente homogêneo.

Na Amazônia, há exemplos de manifestação cultural de diversas formas que remontam a um passado que percebia a natureza como lugar mítico e sagrado e espaço de efervescência da vida reveladora de um tipo de cosmologia fundado no imaginário da floresta. Há histórias como a lenda do *Muiraquitã*[4], amuleto oferecido como presente pelas guerreiras nativas *Icamiabas*, conhecidas como Amazonas aos índios guerreiros *guacaris* que visitavam anualmente suas tabas, na região do rio Nhamundá, entre os estados do Amazonas e do Pará. As histórias também resgatam a lenda da *Caapora*, também chamada de *Curupira* ou ainda de *Anhangá*, duende protetor da floresta, que pune caçadores que matam os bichos por sentimento de prazer. Também há a história da vitória-régia símbolo do amor entre Naia e Jaci. Contam os pajés *tupi-guarani* que na gênesis do mundo era costume a Lua se esconder no horizonte, descendo por trás das serras para ter-se com suas virgens prediletas.

Na Amazônia também ocorrem diversos festejos que dão identidade cultural à região, entre elas o *Festribal*, no município de Juruti e cuja manifestação é a disputa de dois grupos festivos, o *Munduruku* e o *Muirapinima*. O Festival dos Botos que também ocorre sob a lógica da disputa de dois grupos festivos, o Boto *Tucuxi* e o *Boto Cor-de-Rosa*. Há também o Festival do Boi de Parintins, entre as agremiações culturais *Caprichoso* e *Garantido*, embora seja questionado seu simbolismo dado que uma festa de boi parece contradizer com a

[4] Todas as histórias que seguem à lenda de Muiraquitã fazem parte do universo mítico e lendário da Amazônia, sendo apresentado ao mundo por diversos contadores de história e escritores.

lógica de um ambiente de floresta. Ocorre também o *Çairé*, um festival de resgate dos primeiros encontros entre índios e portugueses na região de Alter do Chão, às margens do rio Tapajós, na Região do Baixo Amazonas. Também há a cultura festiva carnavalesca do Mascarado Fobó, com a manifestação identitária de um mascarado que surge nas noites de carnaval, representando o espírito de um matuto desconhecido, entre outras diversas manifestações.

Essas histórias e eventos são apenas alguns exemplos da riqueza cultural da Amazônia brasileira. Todavia, cabe um alerta, o de que boa parte dessas riquezas patrimoniais está em risco de desaparecimento, pois relações interculturais num ambiente globalizado tendem a sufocar as culturas de minoria, o que é o caso da maioria populações étnicas da Amazônia, região de dimensões continentais, que tem fragilidades gritantes no processo de proteção de seus patrimônios culturais, históricos, memoriais e naturais, o que demanda sólidas estruturas institucionais locais que viabilizem a sua preservação. Feito registro patrimonial, acreditamos estar promovendo uma visitação permanente ao passado como proposta didática de recomposição da história presente, para não perder o que talvez por um momento tenha aplicado fuga ou escapado à memória; e poder dar unidade, significado e atemporalidade entre as manifestações culturais do passado, as do presente e possíveis eventos futuros.

Percebe-se, pois, uma infinidade de manifestações que compõe essa dimensão fundamental da existência humana na Amazônia, a cultura, a qual perdura desde os períodos primitivos aos dias atuais, adaptando-se, adequando-se, acrescentando-se nos mais diferentes sentidos ao longo da temporalidade, o que lhe confere abrangência e complexidade, destacando semelhanças e principalmente diferenças. É importante elencar tais semelhanças e diferenças para fins de melhor compreensão dos elementos que compõem a Cultura na Amazônia, com vistas ao entendimento por parte do indivíduo e da coletividade sobre sua própria cultura, bem como das inúmeras culturas que o cercam. De posse dessa compreensão, além de manifestar seu sentimento de pertencimento, é possível adentrar na cultura do outro promovendo laços que podem ser fortalecidos pelo diálogo intercultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura e a identidade formam uma malha complexa de elementos que dão sentido ao mundo, e sua organização sistêmica e memorial resulta do registro histórico das atividades

humanas. Neste sentido, podemos citar como formas de registros memoriais as expressões literárias, documentais, prosaicos, crônicas, contação oral de histórias, lendas e mitos, materiais audiovisuais, patrimônios materiais naturais ou construídos, entre outros mecanismos didáticos que permitem a um determinado grupo apreender a própria identidade. Quando transpomos esse conceito para o espaço da Amazônia, o enriquecimento do próprio significado é fator consequente natural, pois neste caso, a relação entre sociedade, natureza e ações sociais de manutenção da vida têm contornos profundos em relação à floresta e sua biodiversidade. Logo, é imprescindível que a existência de qualquer grupo social da ou na Amazônia esteja condicionada à valorização cultural.

Ora, desde a chegada lusitana a essas terras, a Amazônia – e sua cultura – foi retratada pelos europeus como lugar mítico e misterioso, terra de faz-de-conta, torrão habitado por estranhos e cheio de riquezas naturais. Contudo, lusitanos e patrícios europeus focaram suas ambições somente no último quesito: as riquezas naturais e as possibilidades de exploração. Ao longo dos séculos seguintes à sua fundação, essa região ganhou novos contornos sociais, políticos, econômicos e culturais, e o povo *ingênuo* que habitava o entremeio Belém-Manaus parece ter superado essa ingenuidade por meio da busca de uma educação própria, regional, vinculada à natureza, e da valorização de seus trejeitos culturais como resistência a um modelo brasileiro elitista e padronizador da cultura.

Essa resistência valoriza formas híbridas de culturas, ou relações interculturais que primam pelo fortalecimento das formas diversas de se viver de uma região que mistura culturas europeias, asiáticas, africanas e sul-americanas sem cair no cliché de cientificismos antropológicos, sociológicos ou psicológicos ou no exagero do olhar mítico, ainda que seus temas sejam conteúdos sempre observados, analisados e apresentados pelas ciências e por simpatizantes das questões mítico-simbólicas.

As culturas da Amazônia, apresentadas juntas às incontáveis formas de manifestação cultura espalhadas pelo Brasil, pode ser finalmente conhecida em quase sua totalidade por todos, pois, suas manifestações culturais reconstituem criativamente a vida social, os dramas pessoais e a relação estreita e intimista com o meio ambiente.

Esse dar-se a conhecer tem consistência e validez, pois serve como uma espécie de instrucional que resgata o passado, conta e reconta as vivências sociais, sempre em consideração aos eventos da natureza, albergando na prática questões bastante atuais de como viver de maneira sustentável e servindo de transmissora de conhecimento de uma geração à

outra. As produções culturais na e da Amazônia são instrucionais e educativas porque apresentam formas de viver num espaço singular que é a floresta amazônica, e são também estéticas porque a preocupação com o problema da existência é apresentada de maneira a superar jeitos fragmentados de ver-viver a Amazônia. O que nos fascina quando entramos em contato com as manifestações culturais da Amazônia é a forma desprendida como diversos segmentos culturais se embrenham na promoção de sua identidade e memória, revelando um universo no qual não há fronteiras entre o real e a representação, e no qual o sonho tem consequências reais que trespassam a redoma da vida rígida e angustiante, misteriosa e complexa do torrão amazônico.

Finalmente, não é pretensão primeira nem projeto estratégico dos povos da Amazôniareivindicar um modelo cultura que possa servir de como síntese sobre o mundo. Entretanto, propomos que asa culturas da Amazônia sejam respeitadas com todo o seu próprio universo e revelador de uma *condição amazônida de uma época*, uma provocativa às sociedades não amazônidas porque a Amazônia é um daqueles lugares onde incontáveis formas de se viver são plausivelmente aglutinas, formando uma sociedade plural com seus dramas por compartilhar e a inventividade para superar os grandes problemas da vida. No coração da Floresta, esse torrão da Amazônia inspira seus diversos povos a manifestar seu jeito de ser, seja nas falas caboclas e matutas, seja na fala de povos originários ou de descendentes de africanos, ou mesmo na manifestação de europeus e asiáticos. A Amazônia é terra de magia e mistério que rondam o interior da floresta, de histórias e causos que são partes de um realismo fantástico que mais se parece um imaginário fascinante, de sonhos e sentimentos, tudo apresentado sem reservas ao mundo. Enfim, nossa investigação da efervescência cultural vinda da floresta amazônica é apenas um começo de conversa que toma forma de análise que pavimente a via para se penetrar no território do imaginário amazônida, torrão que em pleno século XXI ainda não foi totalmente desencantado, para dali produzir jogos despretensiosos entre *culturas, identidades e memórias*.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. **A cultura no mundo líquido moderno.** Tradução de Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
_____. **O mal-estar da pós-modernidade.** Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BOAS, Franz. **Antropologia cultural**. Tradução de Celso de Castro, 6ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
_____. **Race and Progress.** Em:*Revista Science.* New Series, UK, Vol. 74, No. 1905 (Jul. 3, 1931), pp. 1-8.

BOSI. Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Tao, 1979.

CORIOLANO, Luzia Neide; MARTINS,José Clerton de Oliveira. **O turismo na construção das identidades contemporâneas.** Em: CORIOLANO, L.; VASCONCELOS, F. O turismo e a relação sociedade-natureza. Fortaleza: EdUECE, 2007.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: Edusc, 1999.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas.** Tradução de Fanny Wrobel.Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 3ª Ed. São Paulo: DP&A, 2003.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Raça e História**. In: Antropologia Estrutural II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

LOURO, Guacira Lopes. (org.). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
_____. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Uma teoria científica de cultura**. Tradução Marcelina Amaral. Lisboa: Edições 70, 2009.

OLIVEIRA, Persio Santos de. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Ática, 2004.

PAULINO, Itamar Rodrigues. **A Amazônia entre culturas, identidades e memórias**. Em: LIMA, Rogério e MAGALHÃES, Maria da Glória (orgs). Culturas e Imaginários: Deslocamentos, Interações e Superposições. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017.
_____.**Entre les remous de l'imaginaire et les houles du réel :** un regard sur la littérature amazonienne brésilienne dans la contemporanéité. Em OLIVIERI-GODET, Rita (org.). Cartographies littèraires du Brèsil actuel. 1ª ed. Bruxelles: Peterlang, 2016.

SARUP, Madan. **Identity, culture and the postmodern world**. Georgia (USA): The

University of Georgia Press, 1996.

TYLOR, Edward Burnett.**Primitive Culture:** researches into the development of mythology, philosophy, religion, art, and custom. London, John Murray, 1871.